

---

**PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA  
(ENTREVISTA COM PROF. DR. GUILHERME MESSAS)**

*PHENOMENOLOGICAL PSYCHOPATHOLOGY  
(INTERVIEW WITH PROF. DR. GUILHERME MESSAS)*

---

A presente entrevista ocorreu no mês de novembro entre os entrevistadores Victor Portugal e André Fukuda com o Prof. Dr. Guilherme Messas. O diálogo buscou explorar desde questões básicas pertinentes à psicopatologia fenomenológica até mesmo debates e opiniões contemporâneos presentes na literatura. De forma geral, o Prof. Messas buscou ao longo da entrevista definir e defender a psicopatologia fenomenológica não como única opção hegemônica dentro do campo, mas sim como um interessante caminho que se mantém próximo da experiência humana, que analisa as estruturas da subjetividade e que tem um alto valor clínico. Prof. Messas ressaltou diversas vezes que a psicopatologia fenomenológica não é contrária aos estudos em biologia ou farmacologia, oposição elevada muitas vezes erroneamente em diversos contextos teórico e práticos, mas que pode sim haver uma relação mutuamente benéfica. O que a psicopatologia fenomenológica se opõe é, na verdade, o que o Professor intitulou “operacionalismo filosófico” e “cerebrocentrismo”, a saber, pilares fundamentais da psicopatologia recente do DSM. Além disso, o Prof. Messas ressaltou sua posição acerca da relação entre filosofia e psicopatologia fenomenológicas. Segundo o Professor, enquanto decorrência histórica da fenomenologia transcendental a partir de sua aplicação em psicopatologia, a psicopatologia fenomenológica tornou-se independente, isto é, possui vida própria em relação aquele fundamento que em primeiro lugar a originou. Não seria o caso, então, de que sempre fosse necessário retornar a autores clássicos da filosofia fenomenológica para validar o que a psicopatologia fenomenológica realiza.

Por fim, o entrevistado afirmou que crê na existência de um futuro próspero para a fenomenologia na psicopatologia, principalmente para a brasileira. Esse futuro demanda, de um lado, leitura dos clássicos, mas, de outro, também ousadia para lançar-se em debates contemporâneos que ocorrem mundialmente, tornando possível que a contribuição brasileira, de ótima qualidade, se desenvolva ainda mais nessa direção. A presente entrevista representa uma tentativa de introduzir, mas também de clarificar e estruturar o campo da psicopatologia fenomenológica no Brasil com um de seus principais autores.

**ENTREVISTADORES:** Professor Messas, o senhor poderia comentar um pouco acerca de sua trajetória e formação profissional até o presente dia?

**GUILHERME MESSAS:** Sou psiquiatra, eu fiz todos os passos da carreira regular, residência de três anos, estudo de mestrado, estudo de doutorado, me especializei academicamente em dependência química e venho me dedicando à psiquiatria fenomenológica, o que me ajuda muito na clínica. Sou professor universitário, e mais ou menos divido a minha vida entre a academia e o atendimento de paciente. Me considero acima de tudo um clínico e diria até que acaba linkando com a segunda pergunta, que a Psicopatologia Fenomenológica entrou na minha vida me auxiliando no atendimento clínico.

**ENTREVISTADORES:** E esse interesse veio já da universidade ou a partir da prática enquanto clínico?

**GUILHERME MESSAS:** Pois é, o interesse veio de um descasamento entre o que existia na universidade e a necessidade clínica. Então, eu diria que a formação de residência é uma formação bastante detalhada, mas eu sentia, na ocasião, que todo conhecimento científico que aparecia e que era desenvolvido me servia parcialmente para um atendimento clínico, por uma compreensão clínica mais detalhada seria necessário outro tipo de conhecimento. E, esse conhecimento, eu tive contato com esse conhecimento por acaso em livros antigos de Psicopatologia Fenomenológica que tinha na biblioteca; então, na verdade, era um pouco frequentando a biblioteca da faculdade, no instituto de psiquiatria, que eu achei alguns livros antigos. Naquele período, havia pouco interesse em psicopatologia fenomenológica e, lendo esses livros, nos horários de intervalos e almoço eu li esses livros. E eles me iluminaram com tudo aquilo que era necessário para conhecer a clínica. Fui ficando encantando por aquilo e comecei a entender que seria impossível fazer uma clínica bem feita sem conhecer mais detalhadamente aquela literatura. Mais uma vez, é uma literatura que era dada na ocasião como uma literatura clássica, como algo clássico, como mais ou menos ouvir Beethoven. As pessoas se dedicam um pouco por diletantismo, por sofisticação intelectual, mas tinha pouco a ver com as necessidades cotidianas, e eu não concordava com isso. Mas, naquele período, eu lembro que a psiquiatria estava muito isolada em termos desse contato com as ciências humanas e no Brasil mais ainda. Os psiquiatras brasileiros estavam muito isolados. Foram anos dos quais havia eu via a necessidade de atender melhor, pelo encantamento por essa literatura clássica. E o interessante é que o mundo dá voltas. Na psiquiatria atual há um renascimento do interesse por psicopatologia fenomenológica e mesmo por fenomenologia filosófica, e há muitos jovens se interessando por isso, desenvolvendo fios que foram deixados pela tradição antiga e aí fazendo com que fenomenologia em psiquiatria e psicopatologia seja um assunto

contemporâneo agora, um assunto atual, reconhecido como necessário para clínica. É muito interessante isso que aparece nas gerações mais novas.

**ENTREVISTADORES:** Bom, e nós estamos falando de psicopatologia fenomenológica como se o leitor já soubesse do que se trata. O senhor poderia dizer o que entende por psicopatologia fenomenológica e porque a psicopatologia fenomenológica e não outras propostas existentes tanto clássicas quanto contemporâneas?

**GUILHERME MESSAS:** A definição de psicopatologia fenomenológica não é uma coisa simples, assim como a psicanálise também, de certa maneira. Mas as correntes que estão ligadas à ela tem muitas referências de execução. Eu entendo a psicopatologia fenomenológica de duas maneiras. Existe um sentido alargado, amplo, que foi introduzido na psiquiatria por Karl Jaspers, que entendia fenomenologia como uma descrição das experiências subjetivas. Esse entendimento existe ainda, da psicopatologia descritiva, mas há outro entendimento mais restrito. Entende-se psicopatologia fenomenológica como a ciência de base da psiquiatria e da psicologia, que procura entender as estruturas da subjetividade. Então, a subjetividade não é o objeto último do entendimento, o conhecimento vai um passo além e vai tentar entender essas estruturas que possibilitam existir a subjetividade, como intersubjetividade, corporeidade, espacialidade. Para mim, é isso que eu entendo por psicopatologia fenomenológica. É evidente que não tem nenhuma psicopatologia que possa alardear ser a melhor, não há nenhuma que possa dizer que outras são piores ou que deva ter pretensões de hegemonia. Eu acho que a psicopatologia fenomenológica pode ser vista como uma alternativa, mas dou prioridade à psicopatologia fenomenológica, pois eu acho que ela está muito perto da experiência, e ficar perto da experiência é fundamental para as exigências das ciências atuais, tanto das ciências humanas quanto para ciências biológicas. Acho que a psicopatologia fenomenológica é um instrumento que, no meu modo de entender, abre mais perspectivas para o diálogo com as ciências biológicas. E isso está começando ainda, muitas coisas precisam ser feitas ainda.

**ENTREVISTADORES:** O senhor pode falar um pouco mais da sua preferência pela psicopatologia fenomenológica em detrimento de uma abordagem mais organicista, biologicista, a qual poderíamos, sem exagero, dizer como predominantes no cenário psiquiátrico e psicológico?

**GUILHERME MESSAS:** Gosto de começar a colocar algumas palavras nas coisas para podermos entender onde vejo a relevância da psicopatologia fenomenológica. Eu não acho o posto de psicopatologia fenomenológica seja o modelo biológico, a palavra organicista, ela remete mais a um estilo de olhar a doença mental do Século XIX, podemos chamá-la de *cerebrocentrismo* ou algo do tipo. Eu acho que a psicopatologia fenomenológica não briga com estudos de cérebro, muito pelo contrário. A oposição da psicopatologia fenomenológica é com

o dualismo que coloca o cérebro como causa das experiências de um lado, e, de outro lado, com o comportamentalismo, não a TCC que é muito bem-vinda, mas aquele que entende que o único objeto de ciência é o comportamento humano. A psicopatologia fenomenológica, na verdade, pode contribuir nas neurociências atuais, justamente para mostrar qual é a função da existência como um todo do cérebro, como ele participa, para usar os termos de Thomas Fuchs, como um mediador entre o indivíduo e seu contexto. A psicopatologia fenomenológica, mesmo a filosofia fenomenológica, dá elementos para enriquecer a ciência biológica que existe atualmente; a ciência biológica é muito bem-vinda, a farmacológica é muito bem-vinda. Tudo isso são elementos fundamentais para uma psicopatologia, o grande problema é quando isso é entendido de uma maneira empobrecida e de uma maneira operacionalizada que é a filosofia que está na base dos DSM's. Então, o operacionalismo filosófico é o opositor da fenomenologia em psiquiatria e em psicopatologia. Isso é legal de dizer, para mostrar bem, para evitar bem falsas oposições, para evitarmos a oposição de que o modelo biológico seja um modelo a ser repudiado. Eu acho que não, eu acho que ele precisa ser incorporado de uma maneira que leve em consideração o sentido global do que é existir, do que é se relacionar, do que é experimentar o mundo subjetivamente. É um grande campo de pesquisa, ainda para ser explorado e eu acho que é um grande desafio no Século XXI e que interessa muito às pessoas, na verdade, nas neurociências de fundamento, não operacionalista de fundamento não positivista.

**ENTREVISTADORES:** Se retornamos ao livro de Herbert Spiegelberg “Phenomenology, psychology and psychiatry”, é possível observar uma tentativa de estabelecer um mapa das influências da fenomenologia enquanto filosofia na psiquiatria e psicologia do Século XX. Ultimamente, entretanto, temos ressuscitado na psiquiatria, na psicologia, na enfermagem e mesmo no serviço social a discussão entre a fenomenologia, originalmente pensada enquanto filosofia transcendental e a psicopatologia e a partir disso. Temos muitas posições diferentes com relação a esse debate, de que essa é uma relação de aplicação, de mútua relação e esclarecimento, e outros ainda dizem que é mesmo uma relação imprópria, que visa a naturalização da própria fenomenologia. Qual é a sua posição frente a esse debate no que se refere à psicopatologia fenomenológica?

**GUILHERME MESSAS:** Eu acho que colocar em dúvida a possibilidade de uma ciência empírica fenomenológica é impertinente, não faz muito sentido. Existe uma filosofia fenomenológica que continua a prosperar a partir de vários autores que pertencem a um veio que pertence ao campo da sociedade que é a filosofia. A partir daí derivaram ciências, ou seja aplicações científicas humanas tais como sociologia fenomenológica, arquitetura de inspiração fenomenológica e também a psicopatologia. Eu sou da posição que, para uma ciência empírica, uma ciência humana, uma vez iniciada, mesmo que seja por uma inspiração originalmente

filosófica, ela tem vida própria, ela não deve mais nada na sua concatenação interna, na sua lógica interna, a quem a concebeu a outro campo filosófico, seus conceitos principais. O que psicopatologia fez foi importar palavras, conceitos, visões de mundo dos filósofos para dar ordem e sentido a necessidade de entender a experiência humana perturbada. Portanto, uma relação entre os dois é uma relação de mutualismo, elas trocam conhecimento, trocam informações, mas não se necessitam. Eu não acho que a psicopatologia fenomenológica deva, todas as vezes, se voltar aos filósofos originários para verificar se uma afirmação está correta ou não, isso é uma função do filósofo e daqueles que estudam ou desenvolvem a filosofia. O psicopatologista é um cientista empírico, um cientista humano. Eu acho que a relação é uma relação de parentesco, uma mútua relação, evidentemente que possuem esclarecimentos também. Mas eu, pessoalmente, não uso o termo naturalização da fenomenologia porque eu acho que pressupõe que a fenomenologia precise render homenagens à sua origem, eu não acho isso. Eu acho que a psicopatologia fenomenológica e a psiquiatria, psicologia, elas tem autonomia de pleno direito. Minha posição nesse debate é uma posição de liberdade ao fundamento original filosófico. Eu vou até citar, pra não dizer que estou sozinho nisso, uma passagem do Minkowski, que foi certamente quem cunhou o termo psicopatologia fenomenológica no sentido mais estrito, no sentido de examinar os fundamentos da existência, de ir mais longe do que o Jaspers foi. Ele dizia que ser fiel aos autores clássicos não é ficar repetindo-os sempre – a citação é um pouco de memória, mas a ideia é essa – mas sim, inspirar, ter a intenção original de criatividade de buscar os fundamentos humanos, em Husserl mais o conhecimento, e portanto, o psicopatologista, para ser fiel, ele precisa ser livre. A grande fidelidade do psicopatologista em relação à filosofia é a liberdade.

**ENTREVISTADORES:** A próxima pergunta é uma continuação do que o senhor já havia falado. Não parece ser errôneo dizer que esse paradigma biológico, aquele do *cerebrocentrismo*, ainda é o paradigma atual em psicopatologia. A literatura que estuda psicopatologia contemporânea fala de uma mudança a partir dos anos 80, a partir do DSM-III, na qual a psicopatologia *mainstream* adota várias características novas e muda sua intenção originária. Essa psicopatologia *mainstream* vem sendo, entretanto, questionada, como o senhor vê essa psicopatologia *mainstream* e como a psicopatologia fenomenológica pode contribuir essa psicopatologia *mainstream*?

**GUILHERME MESSAS:** A psicopatologia *mainstream*, no DSM, que, como eu disse, é operacionalista, ou seja, ela está buscando conseguir fazer categorias empregáveis facilmente, e eu acho que ela gira em círculos há muito tempo. As novas edições do DSM mostram que a capacidade de entender a existência humana, que é o fundamento da prática, foi perdida, e que se fazem renovações laterais, caminha do nada para o nada. A tal ponto que uma das

críticas violentas contra o DSM operacionalista aí vem do paradigma cerebralista que é, por exemplo, o RDoC<sup>1</sup>, que diz que o DSM não serve pra nada e que o que nós temos que entender, de fato, são os componentes cerebrais genéticos, neurocientíficos, contidos dentro da doença, um paradigma positivista. Os positivistas não estão satisfeitos com o operacionalismo. Eu acho que essa psicopatologia, por ser mais simples, é mais *mainstream* e deve continuar a ser por um bom tempo. Agora, os grandes limites dela são dados na clínica. Não podemos esquecer que a clínica é o objeto último de uma psicopatologia e aí, sim, tanto o operacionalismo quanto o positivismo se perderam em relação à clínica com todos os horrores em psiquiatria que a gente vê aí dia a dia na saúde mental. O que a psicopatologia fenomenológica tem a contribuir? Primeiro, ela tem a contribuir com uma compreensão filosófica que organiza com mais profundidade um contexto lógico-científico dos achados neurocientíficos. Ela tem uma função, que aí é de filósofo mesmo, que é de organizar de uma maneira mais coerente o corpo de conhecimento. Isso já era ideia do Jaspers, embora ele não tenha sido fenomenólogo. Em segundo lugar, a psicopatologia fenomenológica tem a contribuir com a capacidade da clínica. Não haverá clínica sem uma psicopatologia mais avançada. A psicopatologia fenomenológica é uma forma mais avançada de entendimento clínico. Ela contribui para ver como a experiência alterada aparece em cada indivíduo. Eu especificamente acho que a ideia de tomada de decisão clínica, seja aquilo que você entende em um paciente para que tome uma decisão, seja falar algo para um paciente, propor uma intervenção comportamental, ambiental para o paciente, depende sobretudo da psicopatologia fenomenológica. Ela tem enorme valor na manutenção da qualidade clínica na saúde mental, vide psicologia clínica, vide psiquiatria. Na psiquiatria, a psicopatologia fenomenológica tem a função de orientar a conduta farmacológica, que ainda é um campo muito pouco explorado. A farmacologia é uma coisa muito bem-vinda e necessária em psiquiatria, a organização da farmacologia, a lógica que faz com que o clínico proponha efeitos farmacológicos ao paciente ganha muito se for orientada por uma psicopatologia como a fenomenológica.

**ENTREVISTADORES:** O senhor falou a palavra “clínica” e clínica também tem uma vasta literatura, entendendo sentidos diferentes para o termo, como uma clínica enquanto um lugar de encontro existencial entre profissionais e o paciente e outro sentido mais fraco do termo, onde também nos referimos a um encontro, mas num sentido menos existencial, mais cotidiano e prático. Como o senhor compreende a clínica?

**GUILHERME MESSAS:** Eu acho que para a fenomenologia, a clínica mistura algumas coisas da existência normal/cotidiana e aquele encontro que se dá numa condição protegida. Não acho

---

<sup>1</sup> Research Domain Criteria (RDoC).

que uma psicoterapia tenha de suspender as diferenças entre o papel de paciente e o papel de clínico. Na tradição fenomenológica, eu acho que esses papéis estão mais próximos do que tradições que entendem uma diferença muito grande entre uma pessoa e outra costumam valorizar. Da mesma maneira, para a fenomenologia, a fronteira entre ação psicoterápica – falando agora como psiquiatra – e uma ação farmacoterápica, ou no comportamento ou na mudança de contexto das pessoas (como na minha área de álcool e drogas é muitas vezes necessário), essa diferença não faz muito sentido. Existem divisões de profissões na sociedade, as pessoas estão acostumada um pouco que o psiquiatra faça o trabalho e que o psicólogo faça outro trabalho. Mas com o rigor do pensamento fenomenológico, os trabalhos são muito parecidos, porque eles vêm menos de uma “técnica” cientificamente elaborada, é muito mais do contexto do contato entre duas pessoas, da integralidade entre duas pessoas. Então eu gosto de entender clínica de maneira bem indefinida, ou seja, tudo aquilo que você faz a partir de um entendimento aprofundado que tem da existência de alguém e do modo como essa existência se distorce por alguma experiência.

**ENTREVISTADORES:** O movimento de psicopatologia fenomenológica tem muitas faces e influências, como o próprio Spiegelberg bem compreendeu na década de 60. Temos desde alguns nomes clássicos como Jaspers, Binswanger e Minkowski e também contemporâneos, dentre os quais o senhor já comentou alguns, como Thomas Fuchs, Havi Carel, Louis Sass, Josef Parnas e Giovanni Stanghellini. Nas suas publicações, o senhor muitas vezes dedica um artigo inteiro a alguns desses nomes como Jaspers, Binswanger. Há algum desses nomes que o senhor considera como tendo especial relevância tanto para o seu trabalho quanto como tendo um alto impacto para uma psicopatologia fenomenológica contemporânea?

**GUILHERME MESSAS:** Olha, eu acho que se a gente pensar na história da Psicopatologia, o autor mais visitado, mais citado, com mais referência é o Karl Jaspers. Embora o Jaspers seja um autor moderadamente fenomenológico, no meu modo de ver, e que muitas pessoas dizem não ser fenomenólogo, ele mesmo diz não ser fenomenológico, ele acaba, na literatura contemporânea, sendo a maior referência, e faz sentido que seja. Em termos de impacto, ele é o principal impacto ao longo do tempo. Há autores novos, como Thomas Fuchs que é um autor fundamental, de influência vasta, de interesse múltiplo, de grande erudição, talvez seja o que tenha o maior impacto atual. Mas acredito que seja o impacto atual mais representativo, no próprio sentido de importância, profundidade, como no sentido de amplitude de interesses. Para mim, pessoalmente, o grande autor que me marcou foi Binswanger. Ele era um autor confuso, difícil de ler, multifacetado, complexo, irregular, ambíguo e, por conta disso, acho que iluminou de uma maneira um pouco barroca, lançou luz, mas também lançou um pouco de sombra nos grandes temas. Então eu penso que o Binswanger, e um herdeiro do Binswanger

chamado Blankenburg, que foi quem mais desenvolveu a ideia de proporção antropológica, que é a ideia que mais guia meus trabalhos. Eu acho que esse autor também me fez muito bem, mas meu maior respeito pessoal pela obra do Binswanger. Mas que é uma obra que atualmente é difícil de ser lida, é uma obra que precisa de um guia de turismo para conhecer. No entanto, tem muitos outros autores, essa escola é uma tradição que as pessoas podem ser iniciadas, aprofundadas e mesmo assim não conhecerem autores muito importantes por conta disso.

**ENTREVISTADORES:** Bom, nós citamos muitos nomes dinamarqueses, italianos, alemães e franceses, mas como o senhor avalia o cenário da psicopatologia fenomenológica no Brasil e como ela está se desenvolvendo em contraste com o que está sendo produzido numa escala mundial?

**GUILHERME MESSAS:** Eu acho a psicopatologia fenomenológica brasileira excelente, ótima. Eu penso que é uma psicopatologia que é capaz de ter autores que inspiraram em diversas tradições, tanto filosóficas quanto de psicopatologistas também. Eu acho que poucos países do mundo, para não dizer nenhum país do mundo que eu tenha conhecido, têm uma diversidade tão intensa, uma produção tão intensa em psicopatologia fenomenológica, tanta gente envolvida, uma capacidade de fazer discípulos como alguns jovens que se interessam muito, que produzem material, que releem, que reinterpretam. Eu acho que a tradição brasileira é talvez a mais rica na utilização da psicopatologia fenomenológica. E não sou só eu que digo. Em viagens por aí, os colegas também dizem que ficam surpresos com a quantidade de pessoas e com a idade média dessas pessoas. Se eu tivesse uma crítica a fazer, e eu tenho, é que a psicopatologia ou a psicologia fenomenológica brasileira é muito modesta. Ela faz muitas coisas, mas ainda fica olhando demais para o lado de lá do oceano para receber coisas que frequentemente são piores do que as coisas que são produzidas aqui. Ela vem se mostrando cada vez mais, mas ela podia ser mais orgulhosa de si mesma.

**ENTREVISTADORES:** Isto tem que ver com publicações em inglês?

**GUILHERME MESSAS:** Eu acho que as publicações em inglês, para que você consiga dialogar com o mundo inteiro, são necessárias e elas vêm sendo importantes. Mas as publicações em inglês não podem substituir o pensamento na língua original dela própria, pois é aí que as coisas aparecem em primeiro lugar. Eu escrevo sempre em publicações em revistas internacionais em inglês. Gosto de ler a literatura internacional, estou relativamente atualizado do que se produz em francês, inglês e alemão e em espanhol, menos em espanhol até. E eu acho que as coisas que os jovens fazem aqui são de categoria superior, na maioria das vezes. Então, eu diria que talvez o que pudéssemos fazer também é nos lançarmos um pouco mais; ficar repetindo menos sempre a tradição. Isso eu acho que o Brasil fica um pouco intimidado. Sempre ficar ligado a falar sobre a tradição e acaba com um espírito um pouco de colônia, acabar ousando

pouco, e aí certas culturas que ousam mais fazem coisas com qualidade até inferior, mas surgem como mais inovadoras. Eu acho que a gente poderia ficar mais à vontade para inovar em psicopatologia fenomenológica.

**ENTREVISTADORES:** O senhor poderia falar sobre seus interesses de pesquisa e projetos atuais?

**GUILHERME MESSAS:** Estou escrevendo um livro sobre a minha opinião sobre a psicopatologia das adições e do uso de substâncias, de dependência química e abuso de drogas, que é meu principal projeto fenomenológico que deve ser publicado agora em 2020, no ano que vem, pela editora Springer. É um projeto contratado em inglês, então deve sair em inglês, e é exatamente nesse espírito que o que a gente produz aqui deve dialogar com o grande mundo, com a comunidade internacional. Esse é meu principal projeto pessoal, que consome bastante tempo de inspiração e bastante vontade de trabalhar. Junto com esse projeto, faço minha pós-graduação aqui, eu formo pessoas, e aí o meu interesse é justamente formar pessoas no sentido de enxergar, de produzir literatura, de produzir mestrado e doutorado, mas também de produzir uma clínica, de enxergar os pacientes e experiências e a partir daí fazer uma clínica. Eu acho que só faz sentido a fenomenologia na clínica se ela tiver também uma raiz de um modo de atender que seja fenomenológico. Tem bastante coisa pra sair, muito trabalho pra ser feito que é manter, expandir e renovar essa tradição a qual venho me dedicando bastante.

**ENTREVISTADORES:** Qual o papel e quais os desafios que o senhor considera que a psicopatologia fenomenológica pode desempenhar agora e no futuro? Além disso, o senhor pode aproveitar para falar algo para quem for ler, como jovens que estão iniciando na psicopatologia fenomenológica.

**GUILHERME MESSAS:** Eu gostaria de começar essa resposta também com outra citação, agora do Karl Jaspers. Essa citação é muito cara a mim há muito tempo, e eu acho que é isso que eu teria mais a dizer para os jovens que estão começando, que estão ainda no período de contato com o conhecer de uma tradição. Quando você se vincula à alguma tradição, “A determinação de encontrar algo novo e seu original é usualmente fútil. A novidade é uma dádiva que aparece subitamente ao indivíduo que trabalha tenazmente mantendo uma espontaneidade viva de observação e pensando continuamente no tempo. A primeira necessidade é sempre absorver o que foi feito antes. Mas nós nos treinamos confirmando o que já se sabe, e as coisas novas aparecem na geração seguinte quando então elas são possíveis”. Eu diria para os jovens que o futuro da psicopatologia fenomenológica vem da paciência. Vem de entrar, de penetrar nesses textos clássicos, de lê-los, de frequentar um modo de enxergar a clínica, para que as pessoas vejam como os mais experientes, os mais seniores fazem a clínica, e seguindo isso gradualmente penetrar na tradição fenomenológica. Eu sou muito otimista que o papel que a

fenomenologia desempenha no futuro é um papel de conseguir cada vez mais enxergar toda a complexidade da existência humana. E a existência humana não se transforma, ela incorpora todas as tecnologias que existem na contemporaneidade, que vão continuar existindo, e fazem com que os desafios da existência mudem, a capacidade de enxergar esses desafios, a capacidade de levar essas pessoas à potência máxima do dom de cada um é o grande desafio da psicopatologia fenomenológica. Eu vejo um futuro muito bom, que já está acontecendo, e eu acho que de fato está nas mãos dos jovens se deixarem permear por essa tradição de psicopatologia e clínica psicológica de psiquiatria.

**Guilherme Messas** – Psiquiatra há mais de 25 anos. Professor na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSCSP). Membro do *Values Based Center* no *St Catherine's College* em Oxford. Coordena cursos de especialização em Psicopatologia Fenomenológica na mesma instituição e participa de projetos nacionais e internacionais de pesquisa vinculados aos temas de psiquiatria e abuso de álcool e drogas. O Professor Dr. Messas realiza há décadas um importante e valoroso trabalho de disseminação da psicopatologia fenomenológica no Brasil, com contribuições internacionais de igual relevância. Suas diversas publicações em periódicos nacionais e internacionais abrangem temas como psicopatologia fenomenológica, abuso de álcool e drogas e diagnóstico diferencial. Também vem publicando diversos livros, dos quais listamos apenas *As Formas da Alteração Mental* (2007), *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea* (2008), *Ensaio sobre a Estrutura Vivida* (2010) e *Psicose e Embriaguez: Psicopatologia Fenomenológica da Temporalidade* (2014). *E-mail*: gmessas@gmail.com  
Curso de Pós-Graduação em Psicopatologia Fenomenológica:  
<https://fcmsantacasasp.edu.br/psicopatologia-fenomenologica>

**Victor Luis Portugal Clavisso** – Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno). Interesses de pesquisa centram-se em Fenomenologia, Filosofia da Mente, Idealismo Alemão e Psicopatologia Fenomenológica. *E-mail*: victor.portvgal@gmail.com

**André Fukuda Maeji** – Mestrando em Psicologia Clínica na Universidade Federal do Paraná. Graduado em Psicologia pela FAE Centro universitário. Membro do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno) e do grupo de atendimento às primeiras crises psicóticas PEQUI – Primeiras Crises. *E-mail*: fukuda.andre@gmail.com

**Recebido em:** 03-12-2019  
**Primeira decisão editorial:** 03-12-2019  
**Aceito em:** 03-12-2019